



HEMEROTECA
MUNICIPAL
DE LISBOA

O *Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga*¹, continuado pelo *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*², transporta-nos não apenas a uma revisita aos Museus Nacionais de Arte Antiga, a saber, o Museu Nacional dos Coches e o Museu Nacional de Arte Antiga, ambos situados em Lisboa e a menos de quatro quilómetros de distância um do outro, mas também aos acontecimentos que estiveram na sua origem e que fazem parte da história do país, recuando quase duzentos anos, e que envolveram vontades políticas e populares. Por isso, entendemos que, antes de explorarmos a missão que os Boletins assumiram na vida dos Museus, justifica-se, por todas as razões, fazer primeiramente a apresentação destes.

MUSEUS COM HISTÓRIA

Museu Nacional de Arte Antiga

O Museu Nacional de Arte Antiga, também designado por Museu das Janelas Verdes por se situar na rua com este nome, começa a delinear-se em consequência da Revolução Liberal de 1820, designadamente com a abolição das Ordens Religiosas, decretada em 28 de maio de 1834. As instituições religiosas, em especial os mosteiros, igrejas e conventos, viram-se espoliados de muitos dos seus bens, incluindo peças de ourivesaria e pintura, que foram entregues ao Estado. As obras que foram consideradas como um bem cultural ficaram depositadas no convento de S. Francisco, onde hoje funciona a Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. O arrecadar destes bens culturais e artísticos fez de imediato surgir a ideia de os utilizar em museus e bibliotecas, mas seria preciso passarem cinquenta anos para que tal ideia fosse concretizada. A exposição de Arte Ornamental inaugurada em 12 de janeiro de 1882 no Palácio dos Condes de Alvor foi determinante para o arrançar do Museu. Este importante evento contou com a presença

¹ Disponível na Hemeroteca Digital, em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/BoletimdosMuseusNacionaisdeArteAntiga/BoletimdosMuseusNacionaisdeArteAntiga.htm>

² Disponível na Hemeroteca Digital, em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/BoletimdoMuseuNacionaldeArteAntiga/BoletimdoMuseuNacionaldeArteAntiga.htm>

dos dois soberanos da Península Ibérica: D. Luís I, de Portugal e Afonso XII, de Espanha. O sucesso alcançado não tinha precedentes à época: 100.000 visitantes. Cerca de 250 peças da exposição eram espanholas e mais de 70 inglesas, do Museu South Kensington de Londres. Foi aqui que ficou decidido que o futuro museu seria neste mesmo palácio, que seria comprado pelo Estado daí a dois anos. Em 12 de junho de 1884 o Museu abria as portas ao público. Inicialmente designado Museu Nacional de Belas-Artes e Arqueologia, após a implantação da República, mais concretamente em 1911, passou a Museu Nacional de Arte Antiga.

Museu dos Coches

O Museu dos Coches foi criado por iniciativa da rainha D. Amélia, esposa de D. Carlos I, rei de Portugal, tendo sido inaugurado a 23 de maio de 1905 com a designação de Museu dos Coches Reais. O objetivo era salvaguardar e, em simultâneo, dar a conhecer ao público os antigos carros nobres da Casa Real Portuguesa, assim como todos os seus acessórios, na época já a cair em desuso devido ao avanço tecnológico. O Picadeiro Real, comprado por D. João V em 1726 ao 3º Conde de Aveiras, foi o local escolhido. Em 1786 foi mandado demolir por ordem régia, tendo sido construído o atual por ordem do infante D. João, filho de D. Maria I e de D. Pedro III. Por exigência de “circunstâncias especiais de momento”³ foi decretado, em 31 de dezembro de 1935, que fosse anexado ao Museu das Janelas Verdes, passando a adotar-se a designação para ambos: Museus Nacionais de Arte Antiga, situação que se manteve até 1943, quando se voltaram a separar.

Com o tempo, urgiu a necessidade de um espaço maior e, a 23 de maio de 2015, foi inaugurado um novo edifício, passando o Museu Nacional dos Coches a dividir-se entre o novo edifício e o antigo Picadeiro do Palácio Real, ambos na Praça Afonso de Albuquerque, em Lisboa. Para além dos coches reais o museu possui berlindas, carruagens, seges, carrinhos de passeio, liteiras, cadeirinhas e carrinhos para criança, permitindo acompanhar a evolução técnica e artística dos meios de transporte de tração animal usados pelas Cortes Europeias dos séculos XVII, XVIII e XIX.

³ *Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga*, vol. III, pp. 80-81.

OS BOLETINS

O *Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga* é lançado pela primeira vez em 1939, sob a direção de João Rodrigues da Silva Couto, com o objetivo de registrar todas as atividades do Museu Nacional dos Coches e do Museu Nacional de Arte Antiga. João Couto⁴ abre o primeiro número com as seguintes palavras:

“O «Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga», de que se publica o primeiro fascículo, destina-se a ser o arquivo no qual se vão inserindo tôdas as notícias referentes à vida destes estabelecimentos. [...] Não se promete uma tiragem regular. Com colaboração exclusiva do pessoal dos Museus Nacionais de Arte Antiga ou de pessoas que pela Direcção dos Museus sejam chamadas a trabalhar transitòriamente com ela, o «Boletim» sairá quando o material para o encher estiver seleccionado e seriado.”

O Museu Nacional dos Coches e o Museu Nacional de Arte Antiga permaneceram sob a mesma direção por um curto período de tempo. As suas rotinas, espólio e história, inspiraram os três volumes do *Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga*, que se publicou entre 1939 e 1943. Em 1943, por força do decreto-Lei nº 33267 publicado no Diário do Governo n.º 256/1943, Série I, de 1943-11-24 do Ministério da Educação Nacional - Direção Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, deu-se a separação dos museus, como a seguir se transcreve:

“[...] o Museu das Janelas Verdes e o Museu dos Côches deixem de estar reunidos, sob a designação de Museus Nacionais de Arte Antiga, passando o primeiro a denominar-se Museu Nacional de Arte Antiga e o segundo Museu Nacional dos Côches [...]”⁵

Como consequência, o nome do boletim sofre alteração para *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga* a partir da edição de 1946 (com conteúdos referentes a 1944), deixando de

⁴ João Rodrigues da Silva Couto (1892, Coimbra – 1968, Lisboa). Foi historiador de Arte e professor, tendo-se destacado como diretor dos Museus Nacionais de Arte Antiga e depois do Museu Nacional de Arte Antiga, cargo que exerceu durante mais de duas décadas. A sua carreira nos museus iniciou-se como conservador do Museu-Biblioteca do Conde de Castro Guimarães, em Cascais, e depois como conservador-adjunto efetivo do Museu das Janelas Verdes, em Lisboa, tendo aí sido nomeado diretor dos Museus Nacionais de Arte Antiga. Era um defensor da educação pela arte, o que já se tinha refletido na separata do Boletim do Liceu Pedro Nunes (onde lecionou), com o artigo “A Escola sem arte” (Lisboa, 1932). No Museu das Janelas Verdes criou um serviço de extensão escolar num anexo a este. A sua passagem pelos museus também ficou assinalada por trabalhos de catalogação e de inventário, em especial das secções de ourivesaria, pintura, miniatura e desenho. Colaborou com periódicos portugueses e estrangeiros, escrevendo sobre pedagogia e arte. Fone: *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 7, p. 960.

⁵ Disponível em <https://dre.pt/>.

noticiar o Museu Nacional dos Coches. João Couto, que continuou como diretor do Museu Nacional de Arte Antiga, explica a alteração do nome da publicação no arranque do primeiro número do I volume do *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga* (fasc. 1-2):

“A separação do Museu das Janelas Verdes do Museu dos Coches, decretada em Novembro de 1943, obrigou a Direcção do primeiro daqueles estabelecimentos a rever o problema do Boletim.” - e assim se justifica a alteração da denominação da revista que passa a ser simplesmente Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga.”

As últimas páginas, (80-82) do III volume do *Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga*, descrevem detalhadamente os trâmites deste processo.

O *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga* é composto por cinco volumes e publicou-se até 1969, mediando frequentemente dois anos entre o ano da publicação e o período analisado em cada volume. Após o IV volume há uma interrupção da edição durante dois anos, retornando em 1964 com um novo responsável, Abel de Moura que é designado como “Conservador encarregado da Direcção do Museu”. Este dirige as primeiras palavras no novo cargo ao seu antecessor, João Couto, dedicando duas páginas ao elogio da direcção cessante, abrindo assim o V volume em tom de homenagem.

CONTEÚDOS GERAIS

O Boletim é uma publicação predominantemente técnica e estatística, mas também educativa, de carácter multidisciplinar, elaborada muito a pensar nos profissionais de arte, colecionadores e afins. Conferências e palestras, ensaios, aquisição de obras de arte, discriminando as suas variantes, formas de aquisição, cedências, movimento da biblioteca, identificação dos dados quer de obras bibliográficas quer de peças de arte, a troca de pinturas com o Museu Regional de Évora, nada fica ao acaso reforçando o carácter técnico e descritivo dos boletins. A movimentação do pessoal, quer do quadro superior, administrativo ou operário, restauros, investigação científica, visitantes, individuais ou coletivos, coloca-nos também perante um trabalho estatístico que dá conta do total de visitas feitas, pagas, não pagas, de grupos, de entidades, etc., permitindo fazer um estudo da evolução destes números.

Os legados e as ofertas são bem-vindos, lamentando-se a falta de um hábito nesse sentido: “Ao contrário do que acontece no estrangeiro não são, infelizmente, vulgares no

nosso país as ofertas ou legados de obras de arte de valor feitos aos museus particulares.”

O relato de como aconteceram algumas cedências, ofertas, incorporações e legados ao Museu Nacional de Arte Antiga, algumas representando um retorno ao país, (ex.: o “Tríptico Cook”⁶, referido no *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, vol. I, p. 100-101), assim como exposições temáticas, temporárias, comemorativas, bibliográficas, biográficas, de coleções estrangeiras, testemunham a actividade e o movimento do museu e a sua popularidade.

Todas as obras de arte reproduzidas no boletim são acompanhadas da respetiva ficha técnica, com pormenores que obrigam a um olhar crítico: estado de conservação do espólio, restauros a que foi sujeito, radiografias que mostram traços apagados pelo pintor, etc. É mostrado o antes e o depois das intervenções em relação a algumas obras, de que são exemplo a figura de S. Pedro⁷, Cristo em Emaús⁸, ou a Adoração dos Magos⁹. Também, frequentemente, as peças são contextualizadas dentro da época em foram criadas, e as descrições ultrapassam o âmbito técnico para se entrecruzarem com a História da Arte.

A importância da arte na educação é também um aspeto muito presente ao longo dos vários números do Boletim. A colaboração assinada por Adriano de Gusmão¹⁰ apela para o envolvimento dos museus na educação de crianças, jovens e adultos, apresentando uma interessante proposta que prevê: Ensino e Educação, Divulgação e Extensão Cultural e Publicidade.

A apologia de nomes ligados à arte de uma forma ou de outra, é um tema frequente, bem como a incursão por lendas da História e da História da Arte, não apenas de Portugal mas também da Europa.

⁶ *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, Vol. I, fasc. 2, Jan.-Dez. 1945, pp. 100-103.

⁷ *Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga*, Vol. I, fasc. 1, Jan. 1939, p. 16.

⁸ *Idem*, p. 18.

⁹ *Idem*, p. 20.

¹⁰ *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, Vol. I, fasc. 1-2, Jan.-Dez. 1944, pp. 37-45.

A proteção da azulejaria nacional e a manifestação contra a fraude da imitação têm destaque, no artigo assinado por J. M. dos Santos Simões, intitulado “Considerações sobre a colecção de azulejaria do Museu Nacional de Arte Antiga”.¹¹

A colaboração de João Couto, que quase sempre abre as edições, aligeira uma leitura que se esperava sobretudo técnica, se recordarmos as suas palavras na abertura do *Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga*. Assim, logo no início do fascículo dois, dá-nos a conhecer através das “Notas para a História da Ampliação do Museu das Janelas Verdes” toda a problemática que envolveu esta obra.¹² Frequentemente abre as edições com textos de homenagem a nomes ligados às artes ou aos museus, dando-nos a conhecer um pouco do seu percurso e da sua contribuição para o mundo das artes.

“Vária” é o noticiário do mundo da arte, é uma rubrica que informa sobre pessoas, acontecimentos e notícias e que aparece no final dos fascículos.

CURIOSIDADES

Charles Oman, historiador inglês, dá-nos conta de algumas peças de arte pertencentes à única rainha de Inglaterra portuguesa, Catarina de Bragança, e que esta optou por deixar para trás, em 1692, no seu regresso a Portugal, já como viúva de Charles II.¹³

A descoberta de que o painel de Santo Agostinho, cuja autoria era atribuída a Cima da Conegliano¹⁴, comprado pelo Estado Português e propriedade do Museu Nacional de Arte Antiga, era na verdade da autoria de Piero Della Francesca¹⁵, causou emoção no mundo da arte e foi objeto de notícia, porque era considerada uma obra perdida.¹⁶

Thomas Bodkin explana enfaticamente sobre as esculturas de alabastro, predominantemente religiosas, produzidas na Inglaterra medieval e exportadas

¹¹ *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, Vol. I, fasc. 2, Jan.-Dez. 1945, pp. 86-94.

¹² *Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga*, Vol. I, fasc. 2, Jul. 1939, pp. 45-54.

¹³ *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, Vol. I, fasc. 2, Jan.-Dez. 1945, pp. 80-82.

¹⁴ Cima da Conegliano (1459-1517) foi um pintor italiano da Renascença.

¹⁵ Piero Della Francesca (1415-1492) foi um pintor italiano do *Quattrocento*, nome dado à primeira fase do movimento Renascentista italiano.

¹⁶ *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, Vol. I, fasc. 4, Jan.-Dez. 1947, pp. 214-222.

massivamente para vários países da Europa incluindo Portugal, pela razão de que o nosso país foi o único onde sobreviveram até ao século XX, contrariamente ao que aconteceu noutros países em que acontecimentos como a Revolução Francesa ou o movimento da Reforma levaram à sua destruição massiva. Thomas Bodkin dá fé destes trabalhos de arte no Museu Soares dos Reis na cidade do Porto e também no Museu das Janelas Verdes em Lisboa. Termina com esta frase de satisfação: “The English alabasters in Portugal will surely help to rehabilitate the reputation of the anonymous craftsmen who carved such beautiful objects of art and piety.”¹⁷

CONSERVAÇÃO E RESTAURO

É um assunto que não pode ser dissociado da vida de um museu. A preocupação com a preservação das obras é um aspeto muito presente. O fascículo nº 3 do II volume do *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, é integralmente dedicado ao tema restauro e preservação. O prefácio não deixa dúvidas quanto ao conteúdo: “O presente fascículo do Boletim é especialmente dedicado aos trabalhos da 5ª Conferência do Restauro que teve lugar no Museu Nacional de Arte Antiga, sob a presidência do seu Director, na última semana do mês de Outubro de 1952.” O primeiro tema desta edição intitula-se: “Aspectos Actuais do Problema do Tratamento das Pinturas” e é assinado por João Couto.

Os temas seguintes têm carácter técnico e são assinados por especialistas: “Estudo sobre as madeiras que servem de suporte aos quadros”, por A. Alvim de Matos, engenheiro civil, “Alterações micológicas em obras de arte executadas em madeira” por J. Pinto Lopes do Departamento de Micologia do Instituto Botânico de Lisboa, “Alguns insectos que atacam os painéis no nosso país” por Maciel Chaves, com o curso de Silvicultura.

Reforçando a importância do tema tratado, é apresentado o caderno “Détérioration et Traitement des Tableaux – Exposition” que mais não é que um catálogo descritivo da exposição de pinturas sujeitas a trabalhos de conservação e restauro e que se encontravam expostas por diversas salas, descrevendo o estado em que se encontravam ou o problema de deterioração de que padeciam, assim como a intervenção a que foram

¹⁷ *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, Vol. I, fasc. 2, Jan.-Dez. 1945, pp. 70-74.

sujeitas. Também há uma descrição de materiais degradados, com exemplos expostos, para exemplificar os danos causados pela ação do tempo e seus associados. No final deste fascículo, o anexo intitulado “Estampas” é um álbum que apresenta algumas das fotografias descritas no catálogo atrás referido e também as instalações do edifício do restauro.

DADOS EDITORIAIS

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

O *Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga* tinha redação e administração no Museu das Janelas Verdes, Rua das Janelas Verdes, Lisboa. João Rodrigues da Silva Couto é o diretor durante toda a vida do boletim. Luiz Keil e Augusto Cardoso Pinto, são os conservadores.

O *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga* mantém o mesmo local de redação e administração e João Couto continua como diretor nos primeiros quatro volumes; Augusto Cardoso Pinto e Maria José de Mendonça são os conservadores. No último fascículo do volume I, a conservadora passa a ser o único elemento com este cargo e até ao terceiro fascículo do volume II, altura em que o pintor Abel de Moura também assume o cargo de conservador, que volta assim a ter dois elementos.

No volume V João Rodrigues da Silva Couto é substituído por Abel de Moura, que passa a deter o cargo de Conservador encarregado da Direção do Museu Nacional de Arte Antiga. As fotos apresentadas são creditadas a Mário Novais e Abreu Nunes nos primeiros dois fascículos.

Os fascículos 3 e 4 contam com a colaboração de Maria Alice Beaumont no Gabinete dos Desenhos do Museu Nacional de Arte Antiga, à época conservadora dos Museus Nacionais e também Diretora do Museu Municipal de Cascais. Como fotógrafo aparece apenas o nome de Abreu Nunes, a prestar serviço no laboratório do Instituto de Restauro. Este último volume contrasta com os seus antecessores no tamanho e qualidade do papel. Os conteúdos mantêm-se ricos, informativos e educativos, não se limitando em

exclusivo à coleção do Museu Nacional de Arte Antiga.

PREÇO

O ***Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga*** apresenta os seguintes preços para assinaturas em séries de quatro números: Continente e Províncias Ultramarinas: 40\$00; Estrangeiro: 60\$00; O número avulso tinha o preço de 10\$00. Estes preços mantêm-se durante todas as edições do boletim.

O ***Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*** apresenta o preço de 20\$00 para cada fascículo no volume I, e até ao primeiro fascículo do volume II, passando a 25\$00 a partir do segundo fascículo, para voltar a descer no fascículo 4 para 20\$00. No volume III retoma o preço de 25\$00, que se mantém até final do volume IV. No volume V não se encontra qualquer referência ao preço da publicação.

PERIODICIDADE, IMPRESSÃO E PAGINAÇÃO

O ***Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga*** apresenta-se como uma publicação semestral mas há escusa de compromisso com uma tiragem regular na “Apresentação” feita na primeira página do volume I, por João Couto. A periodicidade semestral é cumprida exceto no terceiro volume, em que o ano de 1943 é editado de uma só vez.

É composto por três volumes e dez fascículos de numeração contínua. A numeração das páginas é continuada dentro de cada volume. O primeiro volume tem 188 páginas, o segundo tem 202 e o terceiro tem 84. Os primeiros dois volumes têm quatro fascículos cada, e o terceiro tem apenas dois fascículos editados em simultâneo. Era impresso na Imprensa Libanio da Silva em Lisboa e encadernado nas Oficinas Gráficas da Câmara Municipal de Lisboa.

O ***Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*** afasta qualquer compromisso de regularidade na publicação: “Ao contrário do que sucedeu na série finda, que pretendeu ser uma publicação semestral, a presente série não promete sair em períodos certos de

tempo.”¹⁸

É composto por cinco volumes, cada um com quatro fascículos numerados de 1 a 4, ressalvando que no Volume I os fascículos 1-2 são de edição simultânea, num só caderno, assim como no Volume V os fascículos 3-4. A numeração das páginas não segue o mesmo critério em todos os volumes, excluindo na maior parte das vezes o Resumo da Caixa (uma rubrica que não aparece no seu antecessor *Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga*), cadernos adicionais e índice de assuntos.

A partir do fascículo 2 do volume I, há a informação de que é composto e impresso na Tipografia da Empresa Nacional de Publicidade situada na Trav. do Poço da Cidade, 26 em Lisboa. No início do volume II, essa informação é complementada com a indicação de que tal acontece na Secção do Anuário Comercial de Portugal. No fascículo 2 do volume II a composição e impressão passa a ser executada na Editora Gráfica Portuguesa Limitada, na Rua Nova do Loureiro em Lisboa, onde se mantém até final da vida da publicação.

ANUNCIANTES

Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga

Não existe publicidade a entidades externas ao museu, entendendo-se que a publicidade feita ao Grupo dos Amigos do Museu Nacional de Arte Antiga não pode ser considerada nem como uma fonte de receita nem como externa, dado este grupo existir em prol do Museu e para seu benefício. Assim, os anúncios existentes referem-se ao preço das publicações e fotografias dos Museus Nacionais de Arte Antiga e também ao já referido Grupo dos Amigos do MNAA, localizando-se sempre, respectivamente, na contracapa e verso desta ao longo dos fascículos.

Em relação ao Grupo dos Amigos do Museu Nacional de Arte Antiga, ficamos a saber, logo no primeiro fascículo, que também ele tinha sede no Museu das Janelas Verdes, sendo anunciado todo o corpo executivo e administrativo. No segundo fascículo, é

¹⁸ *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, Vol. I, fasc. 1-2, Jan.-Dez. 1944, p. 1.

anunciado o preço da cota anual para integrar o Grupo dos Amigos dos MNAA (10 escudos). No final do terceiro fascículo, a referência a este grupo torna-se mais alargada, anunciando-se também as suas últimas publicações e respetivos preços, assim como a atualização do preço anual da cota de sócios que passa a ser de 20 escudos. E esta publicidade repete-se até ao último fascículo do *Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga*.

Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga

Mantém-se o mesmo sistema de anúncios, havendo a informação, no início do volume IV, que o preço das cotas de sócio do Grupo dos Amigos do MNAA passava para 50 escudos. Há também um maior sortido de publicações do Museu à venda.

No volume V assiste-se a uma alteração do formato da publicação, e estes anúncios passam a figurar em conjunto (Museu Nacional de Arte Antiga e Grupo dos Amigos do MNAA) no verso da contracapa de cada fascículo, desaparecendo de todo no último fascículo.

COLABORADORES

Os boletins contam com um total de sessenta colaborações distribuídas pelas áreas técnica e literária. João Couto será o maior responsável pela colaboração puramente literária, dado que a maioria se concentra em alguma área específica da arte, incluindo a sua preservação. Frequentemente há colaborações transcritas na língua nativa dos seus autores.

Colaboração literária

A. Vieira da Silva (1869-1951); Adriano de Gusmão (1908-1933); Agostinho Tinoco (?); António Manuel Gonçalves (?); António Rodriguez-Moñino (?) com colaboração em castelhano; Armando Vieira dos Santos (1899-1970); Ayres de Carvalho (1911-?); Belarmina Ribeiro (?); Carlos da Silva Lopes (1904-1978); Charles Oman (1860-1946), historiador militar com colaboração em inglês; Émile Lambert (?) com colaboração em francês; F. A. Garcez Teixeira (1869-1946); Francisco Cordeiro Blanco (?); Glória

Guerreiro (?); Henrique de Campos Ferreira Lima (1882-1949); J. A. da Costa Lima (1895-1955); J. Bénard Guedes Salgado (1931-2012); J. M. Cordeiro de Sousa (1886-1968); João Botelho Diniz Borba (?); João Costa (?); João Couto (1892-1968); Joaquim Manuel da Silva Correia (?); Jorge de Moser (1906-1971); Julieta Ferrão (1899-1974); Juliette Niclausse (?) com colaboração em francês; Luís de Matos (1911-1995); Luís Reis Santos (1898-1967); Luís Xavier da Costa (1871-1941), além de colaborador também é homenageado no fascículo 6 de 1942; Madalena da Câmara Fialho (?); Maria Alice Beaumont (?); Maria Helena Mendes Pinto (1923-2018); Maria José de Mendonça (1905-1976); Maria Teresa de Andrade Sousa (?); Maria Teresa Gomes Ferreira (1925-); Mário de Sampayo Ribeiro (1898-1966); Martin Sebastien Soria (1911-1961), colaboração reproduzida em inglês; Otília Almeida (?); Thomas Bodkin (1887-1961), historiador, colecionador de arte, curador, foi também diretor da National Gallery da Irlanda e fundador do Barber Institute of Fine Arts.

Colaboração especializada

Alvim Matos (engenheiro civil); Abreu Nunes (?-1966), fotógrafo; Augusto Cardoso Pinto (1901-1962) como responsável pelos inventários dos Museus das Janelas Verdes na qualidade de conservador interino; Ernesto Soares (1887-1966), pedagogo, bibliógrafo e estudioso da história da gravura em Portugal; Georges Kaftal (1897-1987), historiador e compilador da iconografia religiosa italiana; J. Pinto Lopes (1915-?) do Instituto Botânico de Lisboa; João Manuel Bairrão Oleiro (1923-2000), arqueólogo; João Miguel dos Santos Simões (1907-1972), historiador de arte; Luiz de Ortigão Burnay (1884-1951) colaboração na qualidade de artista gráfico com um texto sobre o gabinete de calcografia do Museu de Arte Antiga; Maciel Chaves (?), silvicultor, fala sobre a ação dos diversos insetos sobre a madeira; Madalena Cabral (1922-2015), professora de pintura no Museu Nacional de Arte Antiga, lançou neste, a partir de 1953, as bases do Serviço de Educação orientado para a formação artística e cultural das crianças; Manuel Farinha dos Santos (1921-2000), arqueólogo; Manuel Santos Estevens (1913-?), colaborador adjunto dos museus nacionais e bibliotecário arquivista do Ministério das Obras Públicas; Manuel Valadares (1904-1982), colaboração com o gabinete de restauro; Mário Novais (1899-1967), fotógrafo; Myron Malkiel-Jirmounsky (1890-1974), com colaboração em francês, lecionava cursos de temas especializados no Museu de Arte Antiga; Olívia Trigo de Sousa (?),

colaboração com o gabinete de restauro; Paul Fierens (1895-1957), com colaboração reproduzida em francês, era historiador, crítico de arte belga e poeta; Salvador de Eça Barata Foyo (1899-1990), escultor e professor português;

Colaboração transversal

Abel de Moura (1911-2003), conservador, pintor e por último Conservador Encarregado da Direção do Museu Nacional de Arte Antiga; Flórido de Vasconcelos (1920-?) com colaboração literária e fotográfica;

Lisboa, 14 de fevereiro de 2019

Alda Anastácio

Bibliografia

Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga. Portugal. Lisboa : M.N.A.A., 1946-1969.

Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga. Lisboa : M.N.A.A., 1939-1943.

MACEDO, Silvana da Costa (org.) - *Museu Nacional dos Coches: roteiro*. Lisboa : Instituto Português do Património Cultural, imp. 1989.

MNAA Museu Nacional de Arte Antiga [em linha]. Lisboa: DGPC, s.d. [Consult. 24Jan2019]. Disponível na internet em: <URL: <http://www.museudearteantiga.pt/grupo-dos-amigos-do-mnaa/>>.

PORFÍRIO, José Luís - *O Museu das Janelas Verdes*. 2ª ed. Lisboa : M.N.A.A., 1995.

ROCHA, Paulo Mendes da ; NEVES, José Manuel das - *Museu Nacional dos Coches: lugar, projeto e obra : site, project and finished work*. Lisboa : Uzina Books, 2015.

WIKIPEDIA – *João Rodrigues da Silva Couto* [em linha] [Consult. Jan2019]. Disponível na Internet em: <URL: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Rodrigues_da_Silva_Couto>